

OS EFEITOS DO RACISMO PARA A SAÚDE MENTAL DE ADOLESCENTES

HELOÍSA MARCELLE DA SILVA BRITO ^{1,2*}, PRISCILA PAVAN DETONI^{2,3}

1 Introdução

Em todas as sociedades foi observado que as situações de risco, os comportamentos relacionados à saúde variam entre os grupos sociais. Os impactos da estrutura social sobre a educação e a saúde são evidenciados nos processos de participação ou exclusão, relacionados às diferentes posições sociais e sujeitos a transformações em função do próprio processo histórico, marcados por raça, classe social e gênero. Nesse sentido, os problemas de saúde estão associados com a exposição à situações de discriminação e racismo, como transtornos mentais, hipertensão arterial, dentre outros. Os efeitos do racismo sobre a saúde podem ser agudos ou crônicos, agindo através dos mecanismos fisiopatológicos do estresse (Barata, 2009). Nesse contexto, o impacto oriundo do racismo tem se mostrado como causa de disparidades sociais e de problemas de saúde mental em adolescentes. Os sistemas de resposta ao estresse, tornam-se ativos por períodos extensos, favorecendo de forma enfática desgaste no cérebro em desenvolvimento e em outros sistemas biológicos. Isso estrutura danos ao longo da vida no aprendizado, no comportamento e na saúde física e mental (Trent *et al.*, 2019). O racismo no Brasil é estrutural, e a escola faz parte desta estrutura macro, ou seja, o racismo se faz presente em todas as instâncias relacionais, desde o ambiente físico à atitude passiva, a partir da ideia de uma falsa democracia racial (Almeida, 2019). Desse modo, através de ações, principalmente na escola, que pode ser um ambiente protetivo ou adoecedor, é repassada a normalização ou o enfrentamento ao racismo. Nesse sentido, é necessário realizar esforços para que contextos racistas sejam inibidos (Alves, 2012). Sob essa ótica, a relevância e justificativa desta pesquisa reside na necessidade de construir mecanismos de

1 Acadêmica do 10º semestre do curso de Medicina, Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus Passo Fundo*, bolsista de iniciação científica FAPERGS contato: heloisa.brito@estudante.uffs.edu.br

2 Grupo de Pesquisa: Grupo de estudos e Pesquisa Interdisciplinares sobre Saúde, Mulher e Gênero, Projeto Pai: Marcadores socioculturais e suas interações na construção das diferenças entre as mulheres do Sul do Brasil

3 Psicóloga, Mestre e Doutora em Psicologia Social e Institucional; Pós-Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Docente na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) Campus Passo Fundo-RS na graduação em Medicina e no Programa de Residência Multiprofissional em Saúde. Contatos: priscila.detoni@uffs.edu.br, **Orientadora.**

enfrentamento ao racismo no ambiente escolar que corroborem para diminuição de efeitos deletérios na saúde mental de adolescentes em processo de desenvolvimento global.

2 Objetivos

Investigar a percepção de adolescentes e professores(as) de uma escola de ensino fundamental II, na cidade de Passo Fundo/RS, acerca do racismo vivenciado e os seus efeitos para a saúde mental.

3 Metodologia

Tratou-se de uma pesquisa qualitativa etnográfica, realizada em uma escola pública municipal de ensino fundamental II na cidade de Passo Fundo/RS, no período de dezembro de 2022 a agosto de 2024, cuja população de estudo foi o corpo docente e adolescentes com idades entre 13 e 16 anos, mediante seu assentimento e consentimento dos responsáveis. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos na UFFS sob parecer nº 5.736.372. A coleta de dados ocorreu por meio de um grupo focal, com seis adolescentes, em sua maioria, autodeclaradas negras, que estavam no 8º ou 9º ano escolar. Além disso, foram realizados três encontros de educação em saúde com os(as) professores(as), descritos no diário de campo das pesquisadoras. Para análise e interpretação dos dados utilizou-se a análise temática (Minayo, 2014).

4 Resultados e Discussão

A análise fomentou a construção de dois artigos científicos, sendo um deles, referente ao grupo focal com adolescentes, que será publicado pela revista “Desidades: revista científica da infância, adolescência e juventude” e o outro está em revisão, o qual aborda a experiência do processo formativo com o corpo docente para uma educação antirracista. Nesse contexto, o presente trabalho trará uma síntese das temáticas abordadas em ambas as temáticas, o que possibilitou a organização em duas categorias: adolescência e racismo e a escola como campo de transformação da realidade.

Adolescência e o Racismo

No contexto da realização do grupo focal, foi possível abordar um dos pontos mais

significativos deste estudo: o adoecimento mental gerado pelo processo da discriminação/preconceito racial. O autoconceito – modo pelo qual a pessoa organiza as percepções sobre si mesma, é um processo que se inicia no nascimento e desenvolve-se ao longo da vida, conforme as experiências vivenciadas. O conjunto das autopercepções estrutura o autoconceito e interfere no comportamento dos indivíduos, está relacionada à autovalorização positiva ou negativa, e é a referência através da qual a pessoa vê o mundo que a rodeia. Desse modo, o efeito do racismo incide diretamente na construção de um autoconceito negativo e depreciação sobre si mesmo, na medida em que ele fere o indivíduo naquilo que lhe dá consciência de identidade, como seu corpo. Provocando, assim, processos de desorganização psíquica e emocional (Silva, 2005). Como ratificado no grupo focal, composto por 6 estudantes autodeclaradas pardas e do gênero feminino, que estavam com uma média de 2 anos de atraso escolar, a existência de ansiedade, depressão e dificuldade para dormir em todas as participantes. Houve entre elas, um caso de mudança de escola por cinco vezes, motivada por situações de racismo, além de tentativa de suicídio, o qual foi encaminhado para cuidados especializados. Apesar da relação entre racismo e adoecimento psíquico, as participantes reconheceram essa escola como espaço protetivo em relação às discriminações sofridas em outros ambientes, inclusive nas famílias interraciais. A vulnerabilidade das minorias raciais é também percebida pela dinâmica do acúmulo de estressores e, com isso, o estresse é colocado como um fator explicativo para o impacto do racismo sobre a saúde (Nascimento; Mota, 2019), levando a contextos ameaçadores à vida, como à tentativa de suicídio. Segundo o Ministério da Saúde, o índice de suicídio entre os jovens negros é significativo e superior aos jovens brancos e, no período de 2012 a 2016, observou-se um crescimento considerável em relação a taxa de mortalidade por suicídio entre adolescentes e jovens negros, sendo as principais causas: sentimento de inferioridade, sentimento de não pertencimento, solidão, rejeição, violência, isolamento social, maus tratos, dentre outros (Brasil, 2018).

A escola como campo de transformação da realidade

Um ponto relevante evidenciado acerca da inibição e superação da problemática assistida: o papel da escola na desconstrução da sociedade racista. Nesse sentido, a segunda parte do projeto de pesquisa intervenção buscou realizar uma série de três encontros de

educação em saúde com professores(as) sobre a temática. A escola apresenta importante papel na vida e consolidação da autopercepção que adolescentes têm sobre si, e, dessa forma, um discurso vago e limitado referente a história e construção da cultura afro brasileira pode favorecer a perpetuação de estereótipos errôneos sobre essa população na sociedade, além do apagamento cultural e histórico. Afetando, dessa maneira, a saúde mental, promovendo a somatização de questões de saúde difíceis de serem inibidas sem o apoio e sem a compreensão daqueles à frente dos processos formativos (Brito; Detoni, 2024). Assim, os encontros levaram a percepção da relevância da abordagem e instigaram as visões desses profissionais, elencando opiniões e vivências que, por vezes, vão ao encontro de um processo formativo e social que também os atingiram: o racismo estrutural (Almeida, 2019). Emergiram discursos sobre a reprodução do racismo, porque o tema tem estado em pauta. De outra forma, foi possível observar, também, falas de reconhecimento da inserção de todos enquanto seres passíveis de ações racistas e discriminatórias, e que entendem o trabalho com a temática como indispensável para a formação do indivíduo, o que pode ser sintetizado na fala de uma professora participante da pesquisa: *“trabalhar com a temática do racismo é trabalhar humanidade”*. Visões discrepantes interseccionam no que diz respeito ao déficit formativo desses profissionais sobre a temática do racismo e das diversidades em suas graduações, que, muitas vezes, os impossibilita de manejar essas questões e efetivar o proposto pela Lei 10.639 de 2003 (Brasil, 2003). Nesse contexto se as instituições formadoras não forem sensibilizadas sobre a questão de como superar os imbrólios postos pelos profissionais - que evidenciam a ausência da temática étnicoracial na sua prática diária por não terem referências e formação, o círculo vicioso da invisibilidade do preconceito e racismo não será desconstruído (Godoy, 2017), perpetuando, assim, a problemática e os seus efeitos sobre a saúde mental de adolescentes negros e negras.

5 Conclusão

Essa pesquisa evidenciou relação significativa entre racismo e adoecimento mental em adolescentes, e possibilitou elencar situações que corroboram para a perpetuação do racismo na escola, como a invisibilidade da temática nos cursos de licenciatura e conseqüente déficit de abordagem de questões étnicos raciais na educação permanente do corpo docente. Esse panorama conduz a permanência da problemática e contribui para a existência de

comportamentos discriminatórios e adoecedores. Portanto, é necessária a mobilização no âmbito da educação e da saúde para a construção de ferramentas de enfrentamento ao racismo e conseqüente promoção da saúde mental para adolescentes.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, S. L. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ALVES, C. C. S. **O racismo na escola e o combate com ações pedagógicas**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2012.
- BARATA, RB. **Como e por que as desigualdades sociais fazem mal à saúde [online]**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2009. Temas em Saúde coletiva. 120 p.
- BRASIL. **Lei n. 10.639/03, de 9 de janeiro de 2003**. BRASIL, 09 jan. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Óbitos por suicídio entre adolescentes e jovens negros 2012 a 2016**. Brasília: Ministério da Saúde, 2018.
- BRITO, H. M. S.; DETONI, P. P.. Os efeitos do racismo para a saúde mental de adolescentes no ambiente escolar. In: 16º Congresso Internacional da Rede Unida - **Revista Saúde em Redes**, v. 10, Supl. 2 (2024) - Editora Rede Unida.
- GODOY. A ausência das questões raciais na formação inicial de professores e a Lei 10.639/03. **Revista de Educação PUC-Campinas**, vol. 22, núm. 1, pp. 77-92, 2017.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- SILVA, M. L. Racismo e os efeitos na saúde mental. In: BATISTA, L. E.; KALCKMANN, S. (Org.). Seminário saúde da população negra estado de São Paulo, 2004. São Paulo: Instituto de Saúde, 2005. p. 129-132. (**Temas em Saúde Coletiva**, 3).
- TRENT, M. et al. **The impact of racism on child and adolescent health**. **American Academy of Pediatrics**. Columbia, p. 1-14, v. 144, n. 2, aug. 2019.

Palavras-chave: adolescência; educação em saúde; escola; racismo; saúde mental.

Nº de Registro no sistema Prisma: PES 2023 - 0226

Financiamento: Fundação de Amparo à pesquisa do Rio Grande do Sul (FAPERGS)